TERRITÓRIOS NEGROS: INVESTIGANDO O LADO NORTE DE SÃO PAULO - BRASILÂNDIA

GISELLY BARROS RODRIGUES, ELLYSON SANTOS MIRANDA

[1] Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIC-AF, Campus São Paulo, ellyson.miranda@ifsp.edu.br
[2] Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (SPO); Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas das Relações Étnico-raciais no Território, Arquitetura e Sociedade - GEPRETAS e integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABI, giselly.barros@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.01.01-0 História da Arquitetura e Urbanismo

RESUMO: Este estudo investiga a formação dos territórios negros em São Paulo, com foco no Distrito da Brasilândia. A pesquisa destaca a expulsão de populações negras e pobres para as periferias da cidade, um processo associado à tentativa de "limpeza" urbana e ao modelo urbanístico imposto pelo poder municipal. A metodologia incluiu uma revisão bibliográfica, entrevistas presenciais e análise de bases cartográficas. A oralidade, destacada como uma prática essencial nas comunidades afro-brasileiras, foi valorizada para preservar memórias e narrativas invisibilizadas pela história oficial. A pesquisa revelou que a urbanização da cidade de São Paulo foi marcada pela exclusão da população negra, relegada aos extremos urbanos. No entanto, a resistência e apropriação desses territórios pela comunidade negra ressaltam a importância de uma abordagem acadêmica mais inclusiva. Os resultados demonstram a relevância dos territórios negros na constituição sociocultural da cidade de São Paulo e na construção de uma narrativa decolonial e afrocentrada sobre o desenvolvimento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Territórios Negros; Territórios periféricos; Brasilândia; Memória Negra; Oralidade.

BLACK TERRITORIES: INVESTIGATING THE NORTHERN SIDE OF SÃO PAULO - BRASILÂNDIA

ABSTRACT: This study investigates the formation of Black territories in São Paulo, focusing on the Brasilândia District. The research highlights the expulsion of Black and poor populations to the city's peripheries, a process linked to the urban "cleansing" attempts and the urban planning model imposed by the municipal authorities. The methodology included a literature review, in-person interviews, and the analysis of cartographic bases. Oral tradition, emphasized as an essential practice in Afro-Brazilian communities, was valued to preserve memories and narratives that have been marginalized by official history. The research revealed that the exclusion of the Black population marked São Paulo's urbanization, pushed to the urban fringes. However, the resistance and appropriation of these territories by the Black community underline the importance of a more inclusive academic approach. The results demonstrate the relevance of Black territories in the socio-cultural constitution of the city and the construction of a decolonial and Afrocentric narrative about the urban development of São Paulo.

KEYWORDS: Black Territories;Peripheral Territories; Brasilândia; Black Memory; Orality.

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo, marcada por sua história e ampla diversidade cultural, testemunhou ao longo dos anos a formação e evolução de diferentes territórios. No contexto da metrópole paulistana, um aspecto fundamental a ser abordado é a constituição dos territórios negros, cujo desenvolvimento se entrelaça com a própria história da formação da cidade e a trajetória dos negros desde a diáspora africana para o Brasil. Conforme afirmado por Rodrigues (2021), identificar esses espaços nos quais a

presença negra se estabeleceu na cidade é reconhecer as marcas da escravidão e validar a participação da população negra no desenvolvimento da cidade. Neste contexto histórico, marcado pela intensa interação e presença negra na vida urbana, este estudo propõe investigar a formação dos territórios negros em São Paulo, com um foco particular na Brasilândia.

O estudo destaca o processo de expulsão de negros e pobres da regiões centrais da cidade para as regiões periféricas. Segundo Rolnik (1989), a dimensão urbana desse fenômeno pode ser entendida como parte de um projeto de "limpeza" da cidade, baseado na formulação de um modelo urbanístico e sua implementação por um novo poder municipal. Uma das principais frentes dessa intervenção foi direcionada especificamente aos territórios negros. O estudo investigará os territórios negros nos bairros do recorte geográfico, analisando as complexidades envolvidas na formação desses espaços no distrito da Brasilândia.

MATERIAL E MÉTODOS

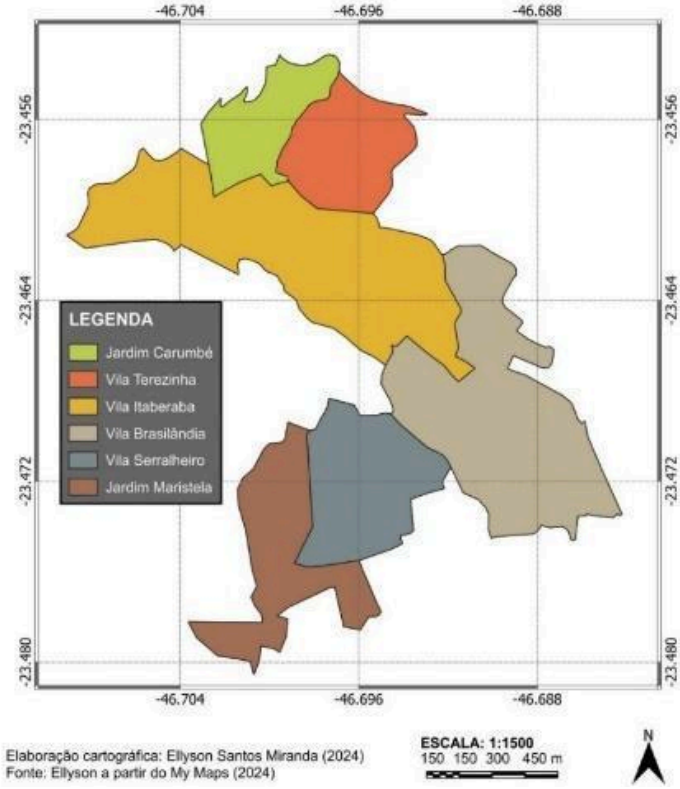
Este estudo investiga a participação da população negra no desenvolvimento urbano de São Paulo, focando especificamente na Brasilândia, zona norte da cidade. O objetivo foi entender como a comunidade negra contribuiu para a construção sociocultural deste território ao longo dos anos. Para isso, foram realizadas revisões bibliográficas, consultas a bases censitárias e entrevistas com a comunidade local, em parceria com o projeto TENEGRES. A pesquisa revelou que, apesar das delimitações territoriais oficiais, a comunidade negra redefine e ressignifica esses limites. Um exemplo é a Casa de Cultura e a futura estação de metrô da Brasilândia, situadas no distrito vizinho, mas amplamente reconhecidas como parte da Brasilândia. Isso reflete uma forte identidade e sentimento de pertencimento da comunidade, transcendendo as divisões administrativas formais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na região da Brasilândia, desde a década de 1930, terras agrícolas foram transformadas em áreas residenciais (Histórico, 2019), repetindo padrões vistos em outras partes da cidade. A Brasilândia começou com sítios loteados, como o de Basílio Simões em 1947. A ocupação do distrito, que atraiu muitos trabalhadores devido à oferta de moradia acessível (Angileli, 2007). Com o passar do tempo, o crescimento da região foi expressivo, abrigando uma população densa distribuída em bairros irregulares e favelas. Segundo o GTA (2003), a área abrigava 65.800 domicílios em 47 bairros, evidenciando um alto índice de irregularidades habitacionais, com mais de metade dos domicílios classificados como irregulares. Entre 1991 e 2000, a Brasilândia experimentou um crescimento populacional significativo em comparação ao resto do município de São Paulo, com uma taxa de crescimento de 2,30%, enquanto a cidade como um todo cresceu apenas 0,88% (Angileli, 2007). No entanto, o censo de 2010 mostrou uma redução no número de habitantes e bairros, com a população total registrada em 264.918 pessoas, predominando a faixa etária entre 20 e 29 anos. A composição étnica indicou que 50,60% da população se identifica como negra (pretos e pardos), refletindo uma maior proporção de negros em relção a média da cidade (IBGE, 2010).

A Brasilândia ocupa uma posição desfavorável em relação a quantidade de equipamentos culturais públicos, com um índice de 0,7, classificando-se em 32º lugar na cidade, conforme o Mapa da Desigualdade (2023). A situação é semelhante em relação aos equipamentos esportivos, onde a disponibilidade de quadras nas escolas públicas e de espaços esportivos públicos está abaixo da média municipal, apontando para uma deficiência significativa nesses setores. Os indicadores habitacionais e de mobilidade na Brasilândia também apresentam desafios consideráveis. Por fim, apesar de pequenos avanços em alguns setores, os indicadores gerais da Brasilândia, segundo o Mapa da Desigualdade (2023), mostram que a região enfrenta grandes desafios que exigem políticas públicas eficazes. A pesquisa, que mapeou os territórios negros nos 6 bairros (ardim carumbé, Vila terezinha, Vila itaberaba, Vila Brasilândia, Vila Serralheiro, Jardim Maristela) que formam o recorte geográfico (Figura 1).

Figura 1 – Identificação dos bairros de estudo



Fonte: Autores, 2024

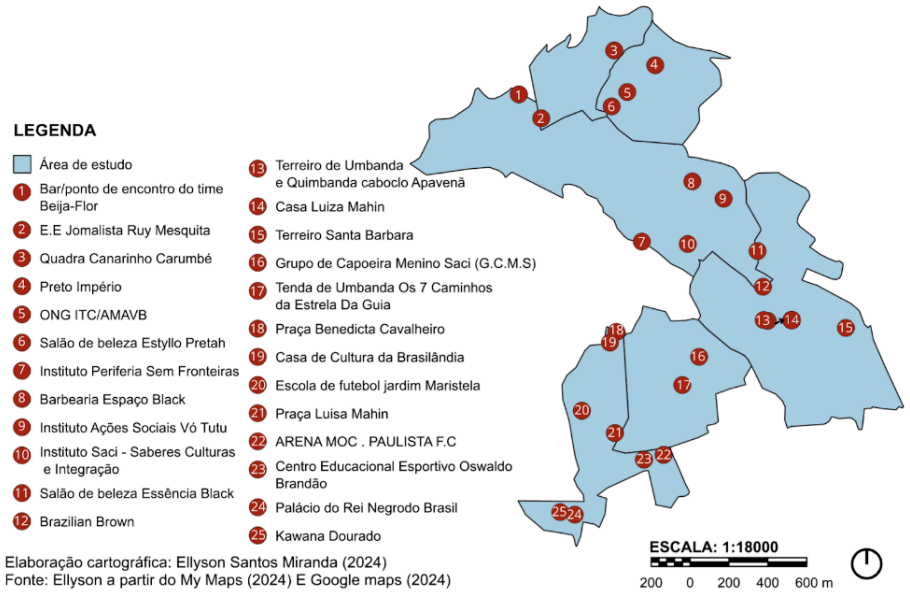
O estudo sobre territórios negros na Brasilândia nasceu a partir de indicações da comunidade e de pesquisas bibliográficas e oficiais, resultando em um mapeamento dos territórios. Estes espaços periféricos, onde emergem fortes movimentos culturais e sociais, como o hip-hop (Rolnik, 1989), constituem uma identidade além das barreiras do tempo e espaço. Segundo Santos e Becker (2006), o território usado é composto pelo espaço físico e pela identidade dos que o ocupam. Nesta pesquisa foram cartografados 25 territórios negros (Figura 3), incluindo a Associação de Moradores do Alto da Vila Brasilândia (AMAVB), fundada por Cláudio Rodrigues Melo (Kafé) em 2008. Kafé, em entrevista, destaca a importância do canal em fazer do futebol a base para atividades sociais no bairro. "A AMAVB surgiu do desejo de fazer mais pelo bairro," diz ele, ressaltando ainda a importância do terceiro setor para o progresso local (Melo, 2024).

Figura 2 – Fotografias dos territórios negros ligados a cultura, grupos e coletivos ligados a ações sociais

Fonte: Autores, 2024

O Instituto Vó Tutu, idealizado por Maria Paulina Avelino Marques da Silva (Vó Tutu), um exemplo de resiliência durante a pandemia, reflete sua visão de apostar na educação para transformar vidas: "É... mostrar para essas pessoas que elas têm capacidade que elas têm potencial..." (Silva, 2024). Silva acredita que a pobreza territorial aumenta a desvantagem dos negros, como afirma Panta (2021) que, residir em territórios pobres e estigmatizados é mais um fator de desvantagem para os negros, que já enfrentam múltiplas barreiras nas disputas pela ascensão econômica.

Figura 3 – Territórios negros nomeados e cartografados na área de estudo



Fonte: Autores, 2024

No Instituto Periferias Sem Fronteiras, é destacado que a construção de pontes de oportunidades é essencial para transformar as realidades periféricas. Oferecendo cursos e capacitações, o instituto visa cultivar uma sociedade democrática e justa A Preto Império, outro território negro identificado durante a pesquisa realizada pelo TENEGRES, é um coletivo e um negócio de impacto social, liderado por Dimas Reis, Priscila Reis e Beatriz Reis. O grupo tem como objetivo realizar os sonhos das populações negras, indígenas, tradicionais e periféricas, combinando a geração de renda com benefícios socioambientais e culturais. A sede da organização está localizada na Vila Teresinha, e oferece atividades e serviços nas áreas de Arte e Cultura, Aprendizagem Coletiva, Saúde e Bem-Estar, e Comunicação. Em 2019, o grupo participou da Rede de Jornalistas das Periferias, contribuindo para a comunicação popular.

A Casa de Cultura Municipal da Brasilândia, inaugurada em 2010, destaca-se como local de atividades culturais, incorporando a identidade local nas rotinas dos moradores. Por fim, a Praça Benedicta Cavalheiro, espaço de batalhas de rima organizadas por Jonas Ortiz (JN), destaca a importância de espaços públicos para manifestações culturais. JN menciona: "A gente fala que é Brasilândia para ficar mais fácil de quem não é, saber onde que você mora" (Ortiz, 2024). A forte conexão dos moradores com seus territórios reflete a interconexão entre urbanismo, pertença e identidade comunitária.

A Praça Luiza Mahin, antes chamada de pracinha do Sabão, foi rebatizada em 1985 a pedido do deputado Benedito Cintra, em homenagem a Luiza Mahin, com sua inauguração realizada por Ilê Aiyê, o primeiro bloco afro de Salvador. A praça serviu de espaço para a Jornada do Patrimônio em 2017 e 2023, liderada pela equipe TENEGRES. De acordo com biografias de mulheres africanas (2021), Luiza Mahin foi uma africana livre que participou das revoltas dos Malês e Sabinada na Bahia. Luiz Gama, seu filho, descreve-a como "magra, bonita... muito altiva, generosa, insofrida e vingativa." A Casa Luiza Mahin foi inaugurada em 2023 pela militância do PSTU como um espaço de resistência.

Figura 4 – Fotografias dos territórios negros lazer, educação e religião

Fonte: Autores, 2024

Martins (2003) observa como as tradições afro-brasileiras simbolizam o corpo através de adereços e movimentos, tornando-o um locus de saber. O estudo mapeou territórios relacionados ao cabelo crespo e cacheado, embora sem entrevistas por incompatibilidades de horário e informações escassas online. Entre esses territórios estão a Barbearia Espaço Black e os salões Brazilian Brown e Essência Black, entre outros. Dos locais de religiões de matriz africana mapeados, apenas o Terreiro de Candomblé Santa Bárbara forneceu informações significativas. Fundado por Mãe Manaundê em 1962, passou por instabilidades após seu falecimento, mas foi estabilizado por Mãe Pulquéria. Este terreiro, reconhecido pelo patrimônio histórico, desempenha um papel social significativo na Brasilândia.

Ligado às atividades corporais e esportivas, outro território mapeado, no qual não foi possível realizar entrevistas, foi o grupo de capoeira Menino Saci. Já o time de futebol Beija-Flor é destaque por fortalecer a coesão comunitária através do esporte. Valdeci Gouvea lembra que o grupo começou nos anos 1970 e se reúne em torno do futebol e eventos comunitários: "Abraçamos o time". A Escola Estadual Jornalista Ruy Mesquita serve como território negro para os estudantes. Matheus Ryan Lopes, um aluno do oitavo ano, destaca: "Aqui foi diferente...", relacionando seu desenvolvimento pessoal ao incentivo cultural na escola. A diretora nota o grande comprometimento dos pais, apesar de alguns ainda entenderem pouco o papel educacional da escola: "Eles querem que os filhos estudem para terem oportunidades melhores."

CONCLUSÃO

A presente pesquisa investigou a participação da população negra na construção e desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo, com recorte geográfico no Distrito da Brasilândia. Utilizando revisão bibliográfica, dados censitários e entrevistas com a comunidade, em parceria com o projeto TENEGRES, foi criada uma narrativa que destaca a história, memória e cultura negras no território. A pesquisa revelou que a comunidade negra redefine os limites territoriais oficiais, destacando a importância de locais como a Casa de Cultura da Brasilândia e a futura estação de metrô Brasilândia. A dificuldade em encontrar material bibliográfico que abordasse a história da região sob uma perspectiva contra-hegemônica reflete o apagamento da contribuição negra na urbanização de São Paulo. A oralidade emergiu como uma ferramenta crucial para preservar essas memórias, destacando a importância de ouvir e entrevistar personalidades locais. Isso valoriza a comunidade e evoca a ancestralidade dos povos negros e periféricos, mantendo vivas as narrativas invisibilizadas pela gentrificação e exclusão.

Apenas nas últimas décadas, houve um crescente interesse e reconhecimento da relevância desses estudos, impulsionado por movimentos negros que buscam resgatar e valorizar as histórias, memórias, identidades e culturas negras. Os territórios negros, como os cartografados na Brasilândia, demonstram a força da coletividade, resistência e resiliência na apropriação do espaço urbano pela comunidade negra e periférica, com ou sem a chancela do Estado. Esses espaços, caracterizados pela ocupação da comunidade negra, são marcos de uma identidade coletiva e de um legado cultural negro e periférico significativo. O reconhecimento e estudo desses territórios são essenciais para compreender a complexidade do processo de urbanização da cidade e a importância da comunidade negra na caracterização étnico-sociocultural-territorial de espaços específicos.

A apropriação e resistência da população negra nos espaços urbanos reforçam a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e representativa nas pesquisas acadêmicas sobre a cidade. As histórias, memórias e culturas negras e periféricas na Brasilândia constituem uma rica fonte de conhecimento, revelando uma identidade comunitária articulada ao território, que precisa ser reconhecida, preservada e difundida. Por fim, a pesquisa sugere uma nova forma de entender a cidade, ouvindo e trabalhando com a comunidade, especialmente negra e periférica. Isso contribui para um entendimento mais abrangente e plural sobre a história e desenvolvimento urbano de São Paulo, integrando as narrativas e experiências da população negra na historiografia oficial.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e sua parceira com o programa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pesquisa (Edital 215/2023) e à minha orientadora, Giselly Barros Rodrigues, pelo direcionamento acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANGILELI, Cecilia Maria de M. M. **Paisagens reveladas no cotidiano da periferia: Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo.** 2007. 281 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COMUNICAÇÃO EM HISTÓRICO. **Mapa da Desigualdade ganha novo formato e agora traz a classificação dos 96 distritos de São Paulo** - Rede Nossa São Paulo. São Paulo, 28 nov. 2023. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/2023/11/28/mapa-da-desigualdade-ganha-novo-formato-e-agora-traz-a-classificacao-dos-96-distritos-de-sao-paulo/. Acesso em: 1 set. 2024.

GTA Assessoria Técnica. **Diagnóstico - Plano de Ação Habitacional de Urbano para o Distrito de Brasilândia**, 2003

HISTÓRICO: **Conheça um pouco da História dos bairros da Freguesia do Ó e Vila Brasilândia.** São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 30 maio 2019. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/historico/index.php?p=142. Acesso em: 1 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente, por cor ou raça, nos Censos Demográficos.** Censo Brasileiro de 2010. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9605#resultado. Acesso em: 1 set. 2024.

LUIZA mahin (século XIX) - **biografias de mulheres africanas**. 28 jan. 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/luiza-mahin-seculo-xix/. Acesso em: 1 set. 2024.

MARTINS, L. **PERFORMANCES DA ORALITURA**: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. Letras, *[S. l.]*, n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881. Acesso em: 2 set. 2024.

MELO, Cláudio Rodrigues. In: RODRIGUES, Giselly Barros. Entrevista com Cláudio Rodrigues Melo. São Paulo, 1 maio 2024. Realizada na sede da Associação de Moradores do Alto da Vila Brasilândia. Transcrição total.

ORTIZ, Jonas. In: Miranda, Ellyson Santos; RODRIGUES, Giselly Barros. Entrevista com Jonas Ortiz. São Paulo, 1 maio 2024. Realizada na Praça Monsenhor Escrivá, Freguesia do Ó. Transcrição total.

PANTA, Mariana. **População negra e o direito à cidade:** interfaces sobre raça e espaço urbano no brasil. In: CUNHA JÚNIOR, Henrique; NILZA DA SILVA, Maria; D'ARC DE OLIVEIRA, Joana; PANTA, Mariana (org.). **Memória e Histórias de Bairros Negros e Populações Negras no Século XX.** [S. l.] XI COPENE, 2021. p. 89-116. ISBN 978-65-89713-72-2.

RODRIGUES, Denise. **Cidade em preto e branco:** turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências) (Programa de Pós- Graduação em Turismo,) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo., [S. l.], 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-23042021-120824/publico/dissertacao_denise_rodrigues_versaocorrigida.pdf. Acesso em: 1 set.. 2024.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**, Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 – CEAA, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, setembro 1989. Disponível em: https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf. Acesso em: 02 set. 2024.

SILVA, Maria Paulina Avelino Marques da. In: MIRANDA, Ellyson Santos. Entrevista com Maria Paulina Avelino Marques da Silva. São Paulo, 23 jun. 2024. Realizada por meio de um questionário através do WhatsApp e respondido por meio de vídeo. Transcrição total.